

MAMULENGO EM TECNOVÍVIO

Reflexões sobre o brincar no contexto da pandemia em 2020.

Alex Apolonio Soares¹

Resumo – Português

A partir do pensamento do teatrista argentino Jorge Dubatti sobre as relações conviviais e tecnoviviais, o presente estudo de natureza cogenerativa, busca tecer reflexões sobre como a pandemia da COVID-19 impactou no fazer dos brincantes de Mamulengo em Pernambuco. A discussão aqui apresentada baseia-se tanto no referencial teórico, quanto na análise das falas dos brincantes concedidas em entrevistas ao *podcast* Fala Mamulengo.

Palavras chave: Mamulengo; Pandemia; Tecnovívio.

Resumen - Español

A partir del pensamiento del teatral argentino Jorge Dubatti sobre las relaciones conviviales y tecnoviviales, el presente estudio de carácter cogenerativo busca reflexionar sobre cómo la pandemia de COVID-19 impactó la formación de los actores de Mamulengo en Pernambuco, Brasil. La discusión que aquí se presenta se basa tanto en el marco teórico como en el análisis de los discursos de los jugadores dados en entrevistas al *podcast* Fala Mamulengo.

Keywords: Mamulengo (teatro de marionetas); Pandemia; Tecnovivio.

Summary – English

Based on the thoughts of Argentine theatrical Jorge Dubatti on convivial and technovivial relationships, the present study of a cogenerative nature seeks to reflect on how the pandemic of COVID-19 impacted the making of Mamulengo players in Pernambuco, Brazil. The discussion presented here is based both on the theoretical framework and on the analysis of the speeches of the players given in interviews to the Fala Mamulengo podcast.

Keywords: Mamulengo (puppet theater); Pandemic; Tecnovivio.

¹ Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, ator, bonequeiro e dramaturgo.

Introdução

Caroquinha

*Boa noite meu povo todo!
Que eu cheguei dando louvor,
Nesse campo de fulôr,
Louvado seja nosso senhor meu Deus,*

*Se houver outro como eu
Que preste melhor serviço
Eu quero deixar-me disso:
Não quero ser mais!*

Catirina

Mateu!²

Refletir sobre um evento em acontecimento não é uma tarefa simples, ainda mais quando se trata de uma pandemia que já se estende por oito meses, afetando de maneira profunda todas as dimensões das relações sociais, e que diariamente traz à tona novos fatos que atualizam a compreensão sobre os eventos já vividos. Nesse contexto, empreender uma análise acerca das relações tecnoviviais dos brincantes mamulengueiros(as) pernambucanos(as) durante a pandemia se constitui um grande desafio para este pesquisador que vos escreve.

Tendo por objeto a análise das relações tecnoviviais dos mamulengueiros durante a pandemia, tecnovívio no sentido empregado pelo teatrasta argentino Jorge Dubatti “como a cultura vivente desterritorializada por intermediação tecnológica” (DUBATTI, 2016 p. 129). O presente estudo busca dialogar com pressupostos metodológicos da pesquisa-ação participativa, tecendo o conhecimento numa perspectiva cogenerativa, por meio de um processo de comunicação colaborativo entre pesquisador e brincantes (CHIZZOTTI, 2014). Processo este que em razão das medidas de distanciamento social deu-se de modo remoto, a partir da aplicação de questionários e entrevistas com os brincantes.

Num primeiro momento, será traçado um percurso da chegada da COVID-19 ao Brasil, tendo em mente aspectos da conjuntura histórica e política brasileira que potencializaram a letalidade do vírus no país. Para em seguida, estabelecer pontes entre essa conjuntura e o lugar das políticas

² Loa que marca o início da brincadeira do mamulengo, com a chegada do personagem Caroquinha e da sua “nega veia” Catirina, na versão que costumava ser encenada pelo mestre Zé Lopes (1950-2020) do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá, Pernambuco.

públicas culturais, sobretudo nos anos de 2016 à 2020, refletindo como a (des)estrutura dessas políticas influenciou no fazer dos brincantes.

Por fim, adentraremos nas questões que permeiam a inclusão digital no contexto sócio cultural e econômico dos mamulengueiros, e a partir dos depoimentos de brincantes como Cida Lopes e Larissa Lopes e dos mestres Tonho de Pombos, Miro dos Bonecos e Vitorino de Igarassu concedidos em entrevistas ao podcast Fala Mamulengo³, contextualizando com o pensamento do teatrista e filósofo argentino Jorge Dubatti acerca das relações conviviais e tecnoviviais nas artes cênicas, passaremos a refletir sobre as tensões oriundas do trabalho remoto desenvolvido pelos brincantes nas redes sociais em tempos de distanciamento social.

Este estudo tem apoio do Serviço Social do Comércio – Sesc, por meio da chamada pública #CulturaEmRedeSescPE, edital de auxílio emergencial voltado aos agentes culturais pernambucanos durante a pandemia.

COVID-19 no Brasil, brevíssimo contexto histórico e político.

Em 30 de Janeiro de 2020, um mês após ter sido notificada pelo governo chinês a respeito de um surto de pneumonia de causa até então desconhecida, a Organização Mundial da Saúde – OMS declarou emergência global diante de um novo tipo de coronavírus com potencial pandêmico⁴, causador da doença COVID-19⁵.

Em razão da rápida propagação do vírus e na inexistência de medicamento capaz de garantir imunidade, a OMS passou a recomendar que as nações adotassem rigorosos protocolos de higienização e distanciamento social, no intuito de reduzir o índice de contágio, evitando a superlotação dos hospitais e possíveis mortes por falta de leitos em UTIs. Logo, a suspensão de

³ Formato de mídia em áudio, através da qual foram veiculadas as entrevistas com os brincantes.

⁴ Disponível em: [https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihremergency-committee-on-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihremergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov)) Acesso em: 20-09-2020.

⁵ Transmitido pelo contato entre pessoas, e com superfícies infectadas o vírus ataca o sistema respiratório, podendo comprometer a capacidade pulmonar do doente, o que demanda tratamento em Unidade de Terapia Intensiva - UTI, onde o paciente passa a respirar por aparelho até reestabelecer-se.

eventos artísticos e o fechamento de equipamentos culturais públicos e privados foram uma das primeiras medidas adotadas por diversos países no intuito de frear a propagação do vírus.

Ao longo do primeiro trimestre de 2020 o mundo acompanhou a saída do vírus de Wuhan na China, sua passagem pela Europa, onde fez milhares de vítimas fatais, para em seguida chegar às Américas instaurando uma crise global de ordem sanitária, e por consequência econômica, sem precedentes nos últimos 100 anos.

No Brasil, a desigualdade social, que em parte, reflete consequências dos mais de 300 anos de escravidão, expressa na precariedade e insalubridade em que a maioria das populações periféricas vivem (visto que a estrutura das moradias, do transporte público, o acesso à água potável, alimento, saneamento e internet muitas vezes estão aquém do mínimo necessário) desponta como primeiro grande fator que ajudou a criar o ambiente propenso de vulnerabilidade sanitária e econômica para que um vírus, trazido ao país por vias aéreas com as elites que retornavam das férias na Europa, fosse extremamente letal, sobretudo como as populações periféricas.

Outro grande fator, diz respeito à instabilidade política e econômica do Brasil nos últimos anos. A crise sanitária chegou a um país marcado não só por profundas desigualdades sociais, mas também por conflitos econômicos e políticos recentes, visto que até então o Brasil buscava se reerguer dos danos causados pela crise financeira mundial de 2008, agravados pela crise política de 2016, no contexto do Golpe parlamentar-jurídico-midiático que levou ao poder um projeto de governo neoliberal. Diante dessa frágil conjuntura, em agosto, seis meses após a primeira morte por COVID-19, o país ultrapassava a marca de 100 mil mortos⁶.

O fato da crise ter iniciado na Ásia, passado pela Europa, para só então chegar às Américas, deu ao governo brasileiro tempo e condições de se antever ao problema, tendo como parâmetros os erros e acertos das nações asiáticas e europeias atingidas pelo vírus. Contudo, o perfil anticientífico do

⁶ Até 27/10/2020 foram registradas 157.981 mortes por COVID-19 no Brasil. A nível global nosso país ficou atrás apenas dos U.S.A. com 226.220 mortos. Em todo o mundo foram 1.164.775 mortes. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=covid+no+mundo&oq=covid+no+m&aqs=chrome..69i57j35i39j0i13l1i433j0l4j69i61.6876j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 27/10/2020.

governo Bolsonaro e sua práxis negacionista quanto às recomendações da OMS, levaram o país na direção contrária.

Embora não seja pretensão desse estudo analisar o desempenho dos entes federativos no combate ao vírus, para compreender como nos tornamos a segunda nação no mundo em número de mortos por COVID-19, torna-se indispensável fazer algumas considerações a respeito da postura do governo Bolsonaro durante a pandemia: 1. No início da crise Bolsonaro minimiza a doença chamando-a de “gripezinha⁷”; 2. Em seguida, passou a criticar governadores, prefeitos e prefeitas que adotaram medidas de isolamento social, se omitindo do papel de coordenação dos entes federativos⁸; 3. Influenciou a opinião pública acusando a imprensa de superdimensionar a gravidade da pandemia⁹; 4. Descumpriu e estimulou o descumprimento do isolamento social e do uso de máscara¹⁰; 5. Na maior crise sanitária da história, Bolsonaro demitiu dois ministros da saúde, deixando a pasta por 121 dias sem ministro titular¹¹.

Diante do exposto, as razões para os impactos da COVID-19 na saúde e na renda dos brasileiros estão muito além das fragilidades imunológicas inerentes ao ser humano, visto que as desigualdades sociais e a necropolítica do governo Bolsonaro são fatores determinantes para o agravamento da crise sanitária. No caso dos brincantes mamulengueiros, para ampliar o entendimento de como a crise afetou o setor cultural é preciso ter em mente o “estado de saúde” das políticas públicas culturais ainda no pré-pandemia.

⁷ Informação disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/03/24/bolsonaro-volta-a-se-referir-ao-coronavirus-como-gripezinha-e-criticar-governadores-por-restricoes.htm> Acesso em: 21-09-2020.

⁸ Informação disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2020/05/e-guerra-tem-que-jogar-pesado-com-governadores-diz-bolsonaro-a-empre.html> Acesso em: 21-09-2020.

⁹ Informação disponível em: <http://www.sjsp.org.br/noticias/presidente-bolsonaro-promove-245-ataques-contra-o-jornalismo-no-primeiro-semester-b548> Acesso em: 21-09-2020.

¹⁰ Informação disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/17/bolsonaro-esteve-em-media-em-uma-aglomeracao-por-dia-durante-a-pandemia.htm> Acesso em: 21-09-2020.

¹¹ Informação disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/09/16/apos-4-meses-como-interino-general-pazuello-assume-ministerio-da-saude.htm> Acesso em: 20-09-2020.

A crise da cultura no pré-pandemia.

Desde o golpe de Estado de 2016, ocasião onde o presidente ilegítimo Michel Temer tentou por meio da MP 726/2016 extinguir o Ministério da Cultura - MinC¹², que os trabalhadores e as trabalhadoras da cultura têm resistido diariamente às tentativas de desmonte das políticas públicas culturais conquistadas ao longo de décadas.

Ataques à cultura nos moldes realizados pelos governos Temer e Bolsonaro não é algo inédito na história do país, o pesquisador Fabio Ferron em sua dissertação *O Primeiro Fim do MinC* nos lembra que esse tipo de ofensiva tem precedente no governo Collor (1990-1992). Segundo o autor, *ao impor reformas estruturais na esfera cultural que acarretaram mudanças profundas na área, o presidente tinha como meta adequar a cultura a um projeto de Estado neoliberal* (FERRON, 2017 p. 96).

Após o golpe de 2016, o Brasil vivência a retomada de um agressivo projeto neoliberal. Para João Brant, ex-secretário executivo do MinC (2015-2016), as reformas impostas por Bolsonaro, na esfera da cultura, a partir da extinção do MinC e do seu rebaixamento a condição de secretaria de cultura reverberam nas seguintes questões:

A primeira questão é a perda de relevância da Cultura. O rebaixamento de status do MinC carrega, obviamente, um rebaixamento da importância relativa da Cultura perante as outras áreas. Se não fosse para gerar isso, não tinha porque a mudança acontecer, já que a economia de recursos é mínima. Esse rebaixamento impacta na dificuldade de acesso direto às áreas centrais do governo (Presidência da República e Ministério da Economia), bem como ao Congresso Nacional. Impacta também na perda de lugar de fala pública do responsável pela pasta. O segundo prejuízo vem na forma de perda de capacidade administrativa. Embora a economia em termos de pessoal seja mínima – se considerado o orçamento geral –, ela afeta a capacidade de o ministério processar seus convênios e termos de cooperação e de fomento. Nesse quadro, a Cultura tem de competir por espaço e prioridade internamente ao ministério. A terceira é a perda de autonomia orçamentária. Além da batalha no âmbito do Ministério da Economia e do Congresso Nacional, a Cultura tem de manter uma batalha permanente dentro do ministério – antes o da Cidadania, agora o do Turismo. Considerando que o teto de gastos públicos rebaixa consideravelmente os recursos para a Cultura, a secretaria

¹² Revogada 11 dias após sua publicação a MP 726/2016 foi substituída pela MP 728/2016 em razão de intensos protestos por parte do setor cultural pressionando o governo Temer a revogar a extinção do MinC. No entanto, um ano e oito meses depois, com a posse de Jair Bolsonaro, em 01/01/2019 por meio da MP 870/2019 o MinC foi novamente extinto e assim permanece até então.

especial teria de lutar muito para a pasta poder efetivar políticas públicas que vão além de abrir e fechar seus equipamentos. (João Brant em entrevista ao jornalista André Cintra do portal Vermelho¹³).

Da extinção do MinC, a tentativa de lançamento dos trabalhadores da cultura na informalidade¹⁴, passando pelos ataques ao Sistema “S”¹⁵, e aos casos de censura, com a ascensão do projeto neoliberal e neofacista representado pelo governo Bolsonaro, não só os trabalhadores da cultura, povos indígenas, ciganos e comunidades afrodescendentes, mas toda a sociedade brasileira se vê diante do interrompimento de um fluxo de avanços e conquistas que vinham num ritmo crescente com os governos Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2014)¹⁶ período em que o MinC deu um salto de investimento, inclusão e descentralização sem precedentes¹⁷.

Para os mamulengueiros(as) a diminuição de investimentos na cultura em âmbito federal entre o golpe de 2016 e a Pandemia de 2020, só não é mais grave, pois o governo de Pernambuco não reproduz a lógica perversa do governo Bolsonaro no tocante às políticas culturais. Pelo contrário, as políticas públicas voltadas para os mamulengueiros(as) em Pernambuco vão desde editais de fomento a fruição, formação, pesquisa; passando pelos prêmios de

¹³ Informação disponível em: <https://vermelho.org.br/2020/01/10/um-ano-sem-minc-os-impactos-do-desmonte-bolsonarista-na-cultura/> Acesso em: 19/10/2020.

¹⁴ A resolução 150/2019 buscava a retirada do direito a formalização de trabalhadores da cultura e excluindo os mesmos do sistema previdenciário, a partir da exclusão das funções artísticas do Simples Nacional (MEI). Felizmente a resolução foi revogada tanto por pressões do setor cultural, quanto por no entendimento do congresso gerar perda de arrecadação para o Estado. Informação disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/12/07/bolsonaro-manda-revogar-resolucao-que-retirava-do-mei-profissoes-ligadas-a-cultura.ghtml> Acesso em: 17/10/2020.

¹⁵ O sistema composto por nove instituições dentre as quais destaca-se o SESC como órgão responsável pela geração de emprego e renda para uma parcela significativa do setor cultural no país. Informação disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/facada-de-guedes-no-sistema-s-afetara-o-futuro-de-milhoes-de-jovens/> Acesso em: 17/10/2020.

¹⁶ Embora oficialmente o 2º mandato de Dilma Rousseff tenha durado de 01/2015 a 08/2016, nesse período em razão dos embargos políticos provocados pelas forças favoráveis ao golpe, sobretudo no congresso federal, considera-se que a presidenta ficou impossibilitada de governar com plenitude. Por esta razão, apenas em seu 1º mandato o governo Dilma pode executar a política cultural aprovada nas urnas durante as eleições de 2010.

¹⁷ Vale salientar que no governo Dilma deu-se o registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste – TBPN como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

reconhecimento a trajetória de brincantes e grupos¹⁸, a concessão de títulos de patrimônio vivo aos mestres(as) com mais de 20 anos de atuação. Num conjunto de ações que permitiam em âmbito estadual momentos de “respiro” para os brincantes.

Digo momentos de “respiro”, pois tendo em vista que Pernambuco é um estado com dezenas de manifestações culturais de tradição popular, manifestações, que dada à limitação do recurso destinado à cultura, não é possível anualmente contemplar todos os brincantes de mamulengo de maneira ininterrupta. Logo, onde os entes federativo e estadual não chegam, a existência de gestões municipais comprometidas com o fomento às manifestações da cultura de tradição popular é imprescindível para a geração de emprego e renda, bem como para salvaguarda do patrimônio cultural.

Contudo, em municípios como Glória do Goitá, Lagoa do Itaenga, Carpina, Pombos e Igarassu onde vivem a maioria dos mamulengueiros a existência de uma política cultural estruturada: com conselhos, gestores com formação na área, órgãos e orçamentos próprios ainda é uma realidade distante. Basta analisar a estrutura das secretarias de governo desses municípios para perceber que as políticas públicas culturais são relegadas a segundo plano, visto que as demandas da cultura dividem espaço com outras áreas como: Educação, Turismo, Esporte e Juventude.

Nesse sentido, e dada às proporções, ao dividir espaço com outras áreas, a cultura enfrenta no âmbito municipal perdas similares às já apontadas por João Brant no âmbito Federal como: perda de capacidade administrativa; de autonomia orçamentária; de lugar de fala pública do responsável pelas demandas culturais do município; além de dificuldades de acesso direto às áreas centrais do governo, no caso municipal. Tamanha a gravidade da situação que dentre as cidades citadas Pombos é uma exceção, nesse município a cultura tanto não divide espaço com outras áreas como é inexistente no organograma administrativo do município.

Ao considerar a crise da cultura no pré-pandemia, dentro do contexto das profundas desigualdades sociais e da instabilidade política já abordado na

¹⁸ A exemplo dos Editais do Fundo de Incentivo a Cultura – FUNCULTURA, organizado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE e do Prêmio Ariano Suassuna de Cultura Popular e Dramaturgia de responsabilidade da Secretária de Cultura de Pernambuco - Secult PE.

seção anterior, passaremos a nos debruçar sobre as estratégias de sobrevivência adotadas pelos brincantes mamulengueiros com o agravamento da crise em razão da pandemia.

Face à pandemia o Mamulengo resiste e adapta-se para sobreviver.

... Quando chegou aqui no Brasil (a pandemia) a gente já sabia a situação dos outros países, então a gente já imaginava que seria uma situação bem complicada. E principalmente quando a gente para pra pensar que a gente é artista, artesão, e sabe que a gente depende do público, depende de estar nas ruas, de tá em contato com as pessoas, a gente já sabia que isso ia se complicar e muito. Tanto pras pessoas que tem seu emprego fixo, e vai trabalhar, e que tiveram seus salários cortados pela metade ou perderam seus empregos, a gente já sabia que nosso emprego a gente perdeu ali naquele momento. Então a gente sabia que pra entrar um dinheiro para gente se manter ia ser muito difícil. (Cida Lopes, do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo¹⁹).

A falta de perspectiva de rentabilidade diante da chegada da pandemia expressa na fala da mamulengueira Cida Lopes evidencia a dependência das interações **conviviais** como principal meio para obtenção de renda e manutenção do capital social²⁰ dos brincantes. Entendendo convívio no sentido empregado pelo teatrista e filósofo argentino Jorge Dubatti.

Chamo de convívio ou acontecimento convivial a reunião, de corpo presente, sem intermediação tecnológica, de artistas, técnicos e espectadores em uma encruzilhada territorial *cronotópica* (unidade de tempo e espaço), cotidiana (uma sala, a rua, um bar, uma casa etc., no tempo presente). O convívio, manifestação da cultura vivente, distingue o teatro do cinema, da televisão e do rádio, por exigir a presença aurática das pessoas... (DUBATTI, 2016 p. 31-32).

Sobre a importância do convívio para o mamulengo vejamos o que o teatrista pernambucano Fernando Augusto G. dos Santos tem a dizer:

¹⁹ Podcast **Fala Mamulengo** episódio 01, gravado em 26/09/2020, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzI2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw> Acesso em: 17/10/2020. Cida Lopes é filha do mestre Zé Lopes (1950-2020), como mulher mamulengueira tem ressignificando à brincadeira ao desconstruir práticas/narrativas machistas no brinquedo. Sobre o Podcast, num total são quatro episódios, onde seis brincantes discorrem sobre suas vivências durante a pandemia.

²⁰ Por capital social dos brincantes refiro-me aos contatos com artistas linguagens afins, expectadores, aprendizes, colecionadores, produtores, pesquisadores e gestores culturais.

... o mamulengo baseia-se na improvisação livre do ator (mamulengueiro). Conquanto tenha um roteiro básico para a história que não é escrita, os diálogos são criados no momento mesmo do espetáculo, de acordo com as circunstâncias e com a forma de reação do público. Não podendo existir sem a música e sem a dança, o mamulengo exige do público uma participação constante e ativa, um dinamismo imaginativo e uma criatividade enormes, que lhe permitam completar, por exemplo, o que os bonecos muitas vezes lhe irão apenas sugerir. Requer-se, portanto, uma imensa interação boneco/plateia, que não se torna difícil por conta do incrível poder de improvisação e capacidade imaginativa que tipifica esses artistas chamados mamulengueiros. (SANTOS, 1979 p. 24).

Haja vista a importância da relação convivial como aspecto vital para o mamulengo, antes da pandemia as apresentações de mamulengo, ou brincadeira como também são chamadas, eram realizadas em eventos públicos como festivais, datas comemorativas, geralmente ao ar livre, com participação do público. Com o estado de distanciamento social imposto pela pandemia, “do dia pra noite” os mamulengueiros se viram isolados em suas casas com o desafio de se relacionar com o “mundo exterior” exclusivamente por meio das redes sociais (Facebook, Whatsapp, Instagram, Youtube, etc.). Sendo que antes da pandemia o uso dessas redes para fins de trabalho geralmente era restrito a divulgação de eventos conviviais (apresentações, cursos, reuniões etc.), não sendo tais redes até então vistas pelos brincantes como um espaço de apresentação e geração de renda.

Vale salientar que no contexto da Zona da Mata, como em muitas cidades interioranas do Brasil, a utilização das redes sociais para fins de comunicação, entretenimento e trabalho é algo relativamente recente. Fazer uso dessas redes demanda uma complexa estrutura que vai desde a aquisição de computadores/smartphones, passando pela contratação de serviços de internet banda larga e/ou 4G, instalação e atualização de *softwares*, e criação de perfis nas redes sociais, o que nem sempre é algo acessível e prático.

A falta de acessibilidade e praticidade é mais comum aos brincantes que residem em áreas sem uma boa cobertura de rede (zonas rurais), assim como aos brincantes iletrados, ou com pouco domínio da linguagem escrita, e digo não só da língua portuguesa, pois os códigos inerentes à comunicação digital geralmente são expressos em língua inglesa, o que dificulta ainda mais a utilização dessa tecnologia para fins de trabalho. Uma vez que os brincantes conseguem vencer tais questões e acessar as redes sociais, surgem novos

desafios que envolvem a compreensão da dinâmica das relações e as estratégias de alcance de público dentro dessas redes. De modo geral, essas dificuldades de acesso ao universo digital passam por questões relacionadas à renda, letramento e inclusão digital.

O distanciamento imposto pela a pandemia foi o fator impulsionador para que muitos mamulengueiros entrassem de vez na cultura digital, adaptando-se abruptamente a nova realidade para continuar brincando e se mantendo em contato com seu “capital social”. No entanto, encontrar possibilidades de realizar a brincadeira num formato remoto sem que houvesse tido tempo de desenvolver o domínio dessas ferramentas e compreender suas aplicabilidades ao Mamulengo, foram dois dos maiores desafios impostos aos brincantes.

O mamulengo é um fenômeno vivo, dinâmico, em constante processo de mutação, de transformação. Sendo de natureza dramática possui possibilidades consideravelmente mais amplas de incorporar os fatos culturais do cotidiano [...] através do seu processo de representação centrado na teatralização do mundo que o cerca, levando à cena os brinquedos, as contradições, costumes e tradições da comunidade onde subsiste (SANTOS, 1979 p. 34).

É na capacidade de adaptação do Mamulengo que reside sua força renovadora, é ela que o mantém em constante processo de diálogo e auto atualização tanto com os costumes e tradições onde subsiste, quanto os novos desafios das relações tecnoviviais de uma sociedade globalizada em pleno século XXI.

Ao conceito de convívio, opomos a noção de tecnovívio, isto é, a cultura vivente desterritorializada por intermediação tecnológica. Podem-se distinguir duas grandes formas de tecnovívio: o tecnovívio interativo (telefone, *chat*, mensagens de texto, jogos em rede, Skype etc.), no qual se dá a conexão entre duas ou mais pessoas; e o tecnovívio monoativo, no qual não se estabelece um diálogo de mão dupla entre duas pessoas, mas a relação de uma pessoa com uma máquina ou com um objeto ou dispositivo produzido por essa máquina, cujo gerador humano se ausentou no espaço e/ou no tempo. O tecnovívio interativo sintetiza-se na relação bidirecional: *homem 1 – máquina – homem 2*; o monoativo sintetiza-se em: *homem 1- máquina {homens}*. (DUBATTI, 2016 p. 129).

As produções dos brincantes em modo tecnovivial durante a pandemia tem levado o mamulengo a tensões de ordem ontológica sobre dois pilares: atuação e formação. Vejamos o depoimento de uma das integrantes do Mamulengo Teatro Riso acerca das *Lives*, termo oriundo da língua inglesa que designa as apresentações transmitidas ao vivo por meio de redes sociais.

... se for levar em consideração a apresentação de mamulengo, por exemplo, que o principal da apresentação do mamulengo não é só os bonecos são as pessoas! Porque todo o desenvolver da apresentação tá relacionado às pessoas. Tem a história? Certo, tem a história! Só que o mamulengueiro ele mexe com todo o público. Fica até meio complicado você tá fazendo uma apresentação só pra frente de uma câmera, e não ter aquele contato com as pessoas, não escutar os aplausos, não escutar as risadas, não escutar as pessoas reclamando com os bonecos... é bem complicado... (Larissa Lopes, do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo²¹).

Fazendo uma correlação entre as considerações de Santos quanto à exigência de uma participação ativa do público por parte do mamulengo, tendo nessa interação boneco/plateia a “anima” do brinquedo, e as inquietações da mamulengueira Larissa Lopes acerca da falta de presença e coletividade humana, sem intermediação de suporte tecnológico, nas brincadeiras durante a pandemia, pensemos: seria possível a brincadeira acontecer no universo digital mantendo esses princípios? Trata-se de uma questão que pode vir a ser solucionada com a evolução das ferramentas de transmissão ao vivo? Ou as apresentações de mamulengo em formato digital estariam fadadas à encenação de uma narrativa pré-concebida e sem possibilidades de interação com a audiência?

Personagens tradicionais do mamulengo como Chica do Cuscuz e Pisa-Pilão poderiam oferecer seu “cuscuz” on-line? Ou, que efeito teria nas pessoas que assistem o mamulengo em formato remoto a ação do personagem Janeiro de esticar seu pescoço gigante para indicar a localização de sua “namorada” em meio à plateia? Até que ponto as passagens que abordam temas como sexualidade, violência e alcoolismo passariam pelo filtro censor dessas redes? Para refletir sobre o estado de tensão dessas novas formas de interações remotas em tempos pandêmicos, aprofundando as percepções entre convívio e tecnovívio recorro mais uma vez ao pensamento de Dubatti.

Convívio e tecnovívio propõe paradigmas existências muito diferentes, contrariamente o que costuma sugerir o mercado de bens tecnológicos, que convida a acreditar que num futuro próximo o convívio será “superado” e “substituído” definitivamente pelo

²¹ Podcast **Fala Mamulengo** episódio 01, gravado em 26/09/2020, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzI2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw> Acesso em: 17/10/2020. Larissa também é filha de Zé Lopes, atua como Catirina, na frente da barraca fazendo a interação entre os bonecos é o público além de tocar vários instrumentos e construir bonecos.

tecnovívio. [...] Cada tecnologia determina mudanças nas condições de viver juntos. Basta pensarmos na internet, em como a informação aparece organizada, pré-organizada, e quantas subjetividades se presentificam nessa intermediação *homem-máquina-homem* ou *homem-máquina {homens}*. Podemos falar em uma subjetividade institucional intermediadora, neste caso uma subjetividade empresarial, com tudo que isso significa: as empresas que fabricam as máquinas ou promovem os serviços (Microsoft, Apple, Cablevisión, DirecTV, Speedy, Youtube etc.), além dos *banners* publicitários. Nesse sentido, enquanto João bate um papo com Maria, não apenas a subjetividade empresarial está entre eles como também todas as estruturas publicitárias e os mediadores que tornam possível essa conexão e que, claro, querem estar “presentes”, à sua maneira, nessa relação, determinando suas condições e possibilidades. (DUBATTI, 2016 p. 130 e 131).

Se por um lado as relações tecnovívias impõem desafios aos brincantes para estabelecer diálogo com o público sem rupturas com os princípios do brinquedo, por outro, somente essas redes permitem aos brincantes constituir relações síncronas que não seriam possíveis de modo convivial.

Em uma das lives que a gente fez, a gente nem imaginava que tava chegando lá né?! É... então reuniu um público muito, muito amplo e diverso né?! Por que a gente viu gente daqui do estado, daqui da cidade, gente de outras cidades, de outros estados, de outro país. Então de certa forma ampliou mais ainda né?! Esse conhecimento, as pessoas saberem que a gente tá aqui, que a gente tá fazendo esse trabalho. (Cida Lopes, do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo²²).

Além da possibilidade de alcance global, outra característica inerente à produção de conteúdo por meio das transmissões ao vivo (as *lives*) é o registro audiovisual gerado automaticamente após a apresentação do mamulengo, ficando disponível para acessos assíncronos. Sendo que antes da pandemia, em razão das dificuldades de acesso as tecnologias já apontadas no início dessa seção, o registro geralmente era uma preocupação do brincante apenas quando este se via demandado por editais ou festivais a apresentar um vídeo da sua obra.

Mas, nessa relação mediada por suportes tecnológicos não são apenas as apresentações que passam por reconfigurações, os processos de transmissão de saberes entre mestres mamulengueiros e aprendizes também se reconfiguram, sobre um campo que também não está imune as tensões do

²² Podcast **Fala Mamulengo** episódio 02, gravado em 26/09/2020, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC> Acesso em: 17/10/2020.

formato remoto. Vejamos o que Mestre Tonho de Pombos, criador do canal Mulungú²³, espaço dedicado à partilha de saberes inerentes ao mamulengo, tem a dizer sobre os processos de transmissão de saberes em tempos pandêmicos.

... essa ideia de fazer esse canal, surgiu justamente de uma fatalidade né? (Na verdade eu já tinha esse plano, só não sabia como fazer). Mas dado ao momento em que aconteceu toda essa tragédia: nosso querido Zé Lopes²⁴ foi embora. E como eu estava falando anteriormente um tesouro se perdeu. Se perdeu porque muita coisa que ele não conseguiu repassar infelizmente foi embora com ele. Então desse pensamento, dessa reflexão surgiu a ideia de montar o canal. Ai eu disse: - eu vou fazer um canal, no Youtube, uma conta e vou começar a registrar as minhas vivências, meu conhecimento... E o objetivo é justamente esse: de repassar! Porque não dá pra eu... E principalmente nesse momento agora que a gente tá todo mundo guardado dentro de casa, a gente não consegue entrar em contato uns com os outros, contato físico. Então é necessário que se grave, que se registre, todas essas histórias, tudo, todo o conhecimento guardado ao longo do tempo, é preciso guardar, pra que as outras pessoas possam ter acesso a esse conhecimento. E o canal veio bem a calhar por conta disso, porque eu não tinha outro recuso pra fazer de outra forma. Então eu vi que era uma forma muito interessante de tá repassando o conhecimento, tá registrando, a cada vídeo que eu vou fazendo, com se fosse uma conversa. A proposta é essa, de é uma troca né?! Eu aqui e as pessoas que vão ver, que vão assistir, que vai trocar ideias, a proposta do canal é justamente essa. (Mestre Tonho de Pombos, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo²⁵).

Ainda em entrevista ao podcast mestre Tonho ao fazer suas considerações sobre as perdas de afeto humano e de qualidade da brincadeira nas interações tecnoviviais apontadas por mestre Vitorino de Igarassu - PE, nos chama atenção para as contribuições futuras do compartilhamento de saberes em forma remota e assíncrona.

Cada questão tem a sua benéfica né?! Por que nessa questão da apresentação é como seu Vitorino disse: nada substitui a alegria de você tá em contato com o público, de você tá sentindo, ouvindo de perto a reação do que você tá fazendo, o que você tá provocando nas outras pessoas, em termo de emoção, você tá conseguindo

²³ **Canal Mulungú** disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCMRnGXhgfLomikR-78VDxQ/videos> Acesso em: 25/10/2020. Mestre Tonho, discípulo de Antônio Biló (1932-1998), além de brincante se destaca como excelente escultor.

²⁴ Tonho refere-se à morte do mestre Zé Lopes em 21/08/2020. Mamulengueiro de renome nacional, que exercia grande influência sobre a formação da nova geração de brincantes de Gloria do Goitá e região.

²⁵ Podcast **Fala Mamulengo** episódio 03, gravado em 01/10/2020, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6mC5sz4qNmAyVtwE7C9d1I> Acesso em: 17/10/2020.

emocionar as outras pessoas. Nada substitui isso! Agora, a importância desse momento que a gente tá vivendo de registro, tem uma outra importância, tem um outro peso. Isso vai vir é... ser mostrado no futuro, quando as outras gerações começarem a fazer, a pensar sobre isso, por consequência da influência desse trabalho que a gente tá fazendo: essas entrevistas, essas lives elas não são em vão, elas tem sua importância porque isso vai afetar futuramente. (Mestre Tonho de Pombos, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo²⁶).

Uma questão delicada nesse formato assíncrono de ensino/aprendizado remoto é a ausência do olhar do mestre(a) para com o aprendiz. Essa ausência de convívio, não daria conta de reparar possíveis más interpretações por parte do aprendiz acerca dos saberes da arte do mamulengo. Tal qual nas apresentações, o processo de transmissão de saberes também precisa se dar no convívio. Para os futuros brincantes o registro será importante como recurso didático, mas não substitui o mestre(a). O Mamulengo se mantém vivo na relação mestre-discípulo.

Nesse novo contexto de fazer mamulengo se estabelecem novas relações de ensino-aprendizado, não só nas plataformas, mas também entre os brincantes de uma mesma família, casa e/ou comunidade. Pois se os mais velhos transmitem os saberes inerentes ao brinquedo para os mais jovens, em relação à comunicação digital são os mais jovens, geralmente por terem tido maiores oportunidades de acesso à educação formal do que seus pais e avós, que passam a conduzir o processo de ensinamento e inserção dos brincantes mais velhos no universo digital.

O mamulengo é uma manifestação artística-cultural que habita não só o território das artes cênicas e da música, mas chega ao campo das artes visuais, encontrando nesse universo outras possibilidades de existir poeticamente e de gerar rentabilidade para os brincantes que constroem bonecos e frequentam as feiras de artesanato para vender suas peças. Com o advento da pandemia o mercado de venda de bonecos também precisou se reinventar, haja vista que os mamulengueiros pararam de receber clientes em seus ateliês, e viram eventos como o Festival de Inverno de Garanhuns – FIG e a Feira Nacional de Negócios do Artesanato a Fenearte²⁷ terem suas edições em 2020 canceladas.

²⁶ Idem.

²⁷ Organizada pelo governo de Pernambuco, em 2019 a Fenearte em sua 20ª edição contou com 5 mil expositores e um público estimado em 300 mil pessoas, movimentando cerca de 45 milhões de reais. Informação disponível em:

... Durante o ano, a feira que a gente mais vende, que a gente conta realmente que começa a produção, é acabando a feira hoje já começa a trabalhar pro ano que vem, é a Fenearte, que são dez dias de feira né?! E foi bem puxando pra gente, foi uma “lapada” muito forte a pandemia veio e tirou essa feira da gente... (Larissa Lopes, do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo²⁸).

Nesse sentido, a necessidade de sobrevivência suprida pela venda dos bonecos no mercado de artes visuais, foi mais um fator impulsionador para que os brincantes buscassem encarar a internet como uma ferramenta de rentabilidade por meio das vendas on-line.

Se você tem um cliente e nessa pandemia você liga pra ele: - oia eu fiz uma peça assim, assim. – eu tô com essa peça aqui, aqui, desse jeito. Ai vai mostrando as peça, vai mostrando... e vai mostrando a um, vai mostrando a outro... Porque a melhor coisa né?! É o celular né?! Antigamente pra gente falar era mais difícil né?! Mais agora tem o celular. Mesmo que eu não sei lê uma coisa, mas sei apertar. Digo: - oia fulano eu tenho uma peça aqui, desse jeito ó. Eu não sei mandar pra tu lá, pra o “zap”, manda pra cá, da um oi pra cá, que eu mostro aqui a tu. Ai ele manda, eu já mostro as peça tal, ai ele diz o eu vou querer aquela ali, como é que você vai fazer? Eu vou no Correio, mando, tu me paga a peça e o correio né?! E ai chega. E assim a gente vai vendendo... Vendí um, vendí dois. Eu vendí pro Ceará [...] Os cliente da FENEARTE mesmo, pode ligar que dá certo Larissa, pode ligar pra eles que dá certo. Eles tão querendo peça entendeu?! Se eles comprava lá, pode ligar pra eles que eles compra. Porque é pra ajudar as pessoas, uma mão ajuda a outra, aqui são três família pra tirar desses bonecos né?! (Miro dos Bonecos, Mamulengo Novo Milênio, Carpina – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo²⁹).

Ainda em março de 2020, quando foram notificados os primeiros casos de COVID-19 no Brasil, e em Pernambuco, não era possível imaginar que as edições dos ciclos das paixões de Cristo, do ciclo junino, o FIG, e a Fenearte seriam canceladas. Na medida em que a pandemia perdurava e junto com ela o distanciamento social, as autoridades iam postergando a reabertura das atividades econômicas. Com isso os brincantes foram seguindo a tendência global das *lives*, realizando apresentações remotas tanto por iniciativa própria

<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2019/07/15/fenearte-movimenta-r-45-milhoes-e-supera-expectativa-383300.php> Acesso em: 17/10/2020.

²⁸ Podcast **Fala Mamulengo**, episódio 01, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzI2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw> Acesso em: 17/10/2020.

²⁹ Podcast **Fala Mamulengo**, episódio 02, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC> Acesso em: 17/10/2020. Miro é fundador do Mamulengo Novo Milênio, e além de brincante é um exímio bonequeiro,

quanto por meio de contratos com prefeituras e instituições privadas, bem como buscando outras formas de gerar renda a partir da internet, a exemplo das vendas on-line realizadas pelos mestres Miro, Tonho e tantos outros.

Muitos aprendizados se deram a partir das condições impostas pela pandemia, nas entrevistas concedidas ao podcast os brincantes destacam esses aprendizados.

Uma pandemia onde você se vê preso dentro de casa, sem poder sair, sem poder estar em contato com as pessoas, isso também lhe coloca numa condição de, de o seu emocional, o seu mental também mudar, né?! Então, às vezes você vai se encontrar num momento muito criativo, em outros momentos vai se vê desmotivado a criar, né?! Então, apesar da gente saber que terá fim essa pandemia, porque terá, e eu acredito que está próximo, mas você lhe dar com sete meses dentro de casa, sem você brincar, sem você levar seus bonecos pra vender, isso vai mudando muita coisa, vai mudando tanto no interno, quanto no externo mesmo do artista, do mental, do emocional, de tudo. (Cida Lopes, do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo³⁰).

A fala de Cida revela outra camada que afeta diretamente a qualidade do trabalho feito pelos brincantes durante a pandemia, a saúde emocional é uma questão pessoal e subjetiva, mas uma questão que em maior ou menor grau atingiu muitas pessoas que vivenciaram um longo período de confinamento durante a pandemia. A brincante fala ainda sobre as descobertas dos benefícios tecnológicos e aplicabilidades ao mamulengo que continuarão fazendo parte do seu ofício para além da pandemia.

E eu acho que essa ideia das lives, não sei tanto se com apresentação exatamente, mas pra uma conversa mesmo, isso, isso é bom, é uma coisa que a gente pode deixar como positivo e pra o futuro mesmo, continuar se fazendo isso. Já que a tecnologia tá aí, tem essa forma da gente estar aqui e estar em vários lugares ao mesmo tempo, então isso é muito positivo pra gente levar pra vida mesmo, pra o nosso trabalho. (Cida Lopes, do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo³¹).

E conclui falando de seu reposicionamento enquanto artista frente aos últimos acontecimentos.

³⁰ Podcast **Fala Mamulengo**, episódio 01, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzI2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw> Acesso em: 17/10/2020.

³¹ Podcast **Fala Mamulengo**, episódio 02, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC> Acesso em: 17/10/2020.

Uma coisa que essa quarentena ensinou é que agente tem de ir atrás dos clientes, e a internet tá ai pra gente fazer esse corre né?! Porque antes a gente dependia das feiras como a Fenearte, que a gente não teve esse ano, e muitas outras feiras, apresentações e tudo. Então o que a gente não vai fazer agora é ficar apenas esperando, a gente precisa realmente correr atrás disso né?! E, além disso, não em decorrência da pandemia e talvez sim em decorrência dela. Mas o quanto mudou agora pra gente, a nossa situação, a gente perdeu nosso mestre né?! (Referindo-se ao seu pai Zé Lopes) Que era o cabeça, que tava a frente de tudo, então isso já é uma mudança muito grande, do que era antes, pra o que é agora, e o que vai ser depois, mais ainda né?! (Cida Lopes, do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo³²).

Mestre Tonho de Pombos também ressalta outros aspectos positivos e negativos da pandemia que também se relacionam com o discurso de Cida no tocante aos desafios psicológicos e aprendizados tecnológicos.

Eu acredito na dualidade das coisas, toda coisa ruim tem um lado bom, que é preciso explorar, às vezes a gente não percebe mais tem um lado bom. Isso (estado de distanciamento) me manteve mais dentro de casa, e me fez criar mais, pensar mais sobre meu trabalho com o mamulengo, porque eu tava muito correndo atrás de outras coisas e tava meio que esquecido do trabalho com o mamulengo, que é de suma importância pra mim. Isso me fez evoluir um pouco nessa questão de internet, tecnologia, essas coisas... Isso foi o lado bom. Mas o que mudou realmente na minha vida foi o fato de perder a liberdade de me movimentando pra lá e pra cá. Isso foi muito traumatizante, ainda é, aquela coisa do medo de sair de casa, de tocar nas pessoas... Isso é uma coisa extremamente assustadora. (Tonho de Pombos, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo³³).

Mestre Vitorino de Igarassu destaca valores como fé, coragem, perseverança e poesia como chaves para superar a crise e levar o mamulengo adiante.

Eu acho que depende da fé, um homem de fé, que não tem preguiça, se for preguiçoso não vai, o negocio é serio! É tem de ser de fé, de coragem, disposição, inteligência e Deus dá aquela inteligência a ele, dele ir à frente, aquilo que ele pensa na memória e ele dizer assim: - eu vou fazer, e fazer! E fazer com alegria. Ele mesmo sorri com o que ele faz, ele ter alegria e faz os outros sorri [...] e fazer os outro apreender também alguma coisa pra que aquela arte não morra, pra não morrer, pra ir pra frente sempre os que vai ficando. Isso ai é bom, isso ai é bonito, a gente ficar dentro de uma empanada, ocupar duas mãos com boneco e sair cantando:

Oi quebra coco, quebra coco,

³² Idem.

³³ Podcast **Fala Mamulengo**, episódio 03, gravado em 01/10/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6mC5sz4qNmAyVtwE7C9d1I> Acesso em: 26/10/2020.

*Na beirinha do riacho.
Tu quebra coco em cima,
Que eu quebro coco em baixo (2x)*

(Mestre Vitorino, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo³⁴).

Ao que sobre resistência em tempos pandêmicos mestre Tonho de Pombos complementa com uma bela analogia entre o mamulengo enquanto fenômeno artístico-cultural e a árvore Mulungú (*Erythrina verna*) da qual se extrai a madeira onde se esculpi os bonecos.

O mamulengo tem uma característica muito interessante, eu falo sempre isso nas minhas oficinas, que é a capacidade de se reinventar, de se adaptar. É como a árvore do Mulungú, ela passa por um período de estiagem, e ela se adapta perdendo as folhas pra poder economizar energia. E durante esse processo ela fica aparentemente morta, as pessoas dizem: - oia a árvore morreu! Mas ela não morreu, ela tá passando pelo período de estiagem, o sol, o calor, então quando chega o momento da chuva ela ressurgir. O Mamulengo é exatamente assim! O mamulengo passou por crises e crises e crise... na época que não existia essa ferramenta de comunicação extraordinária que é a internet, ele sobreviveu, chegou até aqui. E nesse momento é o momento de estiagem, momento de se adaptar, de se preparar para as chuvas que virão, para que a gente possa ressurgir como a árvore de Mulungú faz. (Tonho de Pombos, em entrevista ao podcast Fala Mamulengo³⁵).

Para uma arte que têm na base da sua criação uma leitura reelaborada do universo presente, o mamulengo vai renascendo mais forte a cada estiagem, a cada crise. Se apropriando de ferramentas tecnológicas, que antes cogitavam ser a razão de seu fim, para firmar um canal direto de comunicação dentro das redes sociais. Provando ser possível que um brinquedo profundamente ligado aos saberes e fazer da cultura de tradição popular dialogue com o mundo globalizado.

É preciso assumir que entre convívio e tecnovívio não há substituição superadora, mas alteridade, tensão e cruzamento. E é importante deixar claro por meio dessa política, que perder a cultura do convívio é perder uma dos mais inestimáveis tesouros da humanidade. Iguamente, acredito que, na sociedade tecnovivial, constrói-se um equilíbrio de resistência no convívio. Assim como se afirma que “quanto mais a globalização, maior a localização” pode-se também

³⁴ Idem.

³⁵ Podcast **Fala Mamulengo**, episódio 04, gravado em 01/10/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7fGo8NFRzmDIrT6Ycj23tc> Acesso em: 26/10/2020. Mestre Vitorino é um dos brincantes mais velhos em atuação, nascido em 24-06-1923, atualmente aos 97 anos ainda brinca e constrói seus bonecos.

estabelecer que “quanto maior a extensão de experiência tecnovivial, maior a necessidade experiência convivial”. O teatro responde diretamente a essa última necessidade. Dai sua vigência. (DUBATTI, 2016 p. 134).

Considerações finais.

Com a chegada da COVID-19 a um país marcando por profundas desigualdades sociais, e mergulhado em uma instabilidade política e econômica, que no âmbito da cultura se expressa pelos ataques ou até mesmo pelas fragilidades e inexistências de políticas públicas culturais. Vimos os desafios enfrentados pelos brincantes mamulengueiros para dialogarem com as novas modalidades de trabalho remoto, em tempos de distanciamento social.

O mamulengo com sua natureza inventiva se apropria da internet para usá-la ao seu favor, estendendo sua capacidade de alcance, reestabelecendo novas formas de brincar, aprender e se articular em prol das suas lutas. De todos os inventos da comunicação moderna (rádio, TV e internet), é a internet por meio do tecnovívio interativo que dá ao mamulengo a possibilidade de falar por si, construindo suas próprias narrativas em meio digital.

O presente estudo não se conclui nessas páginas, creio que este trabalho apresenta contribuições e quiçá avanços para os estudos em teatro de bonecos popular do Nordeste, no que concerne a presença do Mamulengo nas redes sociais, uma realidade tão nova para os brincantes quanto para os estudos acadêmicos na área.

Referências

BRANT, João. Um ano sem MinC. Entrevista concedida a André Cintra. **Portal Vermelho**. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2020/01/10/um-ano-sem-minc-os-impactos-do-desmonte-bolsonarista-na-cultura/> Acesso em: 19/10/2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2014.

DUBATTI, Jorge. **O Teatro dos Mortos**: introdução a uma filosofia do teatro. Trad. Sérgio Molina – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

Fala Mamulengo. Episódio 01. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: Cida Lopes, Larissa Lopes, Neide Lopes e Miro dos Bonecos. Programa gravado em 26/09/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzI2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw>. Acesso 17/10/2020.

_____. Episódio 02. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: Cida Lopes, Larissa Lopes, Neide Lopes e Miro dos Bonecos. Programa gravado em 26/09/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC>. Acesso em: 17/10/2020.

_____. Episódio 03. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: mestre Tonho de Pombos, mestre Vitorino de Igarassu e Júnior Pernambuco. Programa gravado em 01/10/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6mC5sz4qNmAyVtwE7C9d1I>. Acesso em: 26/10/2020.

_____. Episódio 04. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: mestre Tonho de Pombos, mestre Vitorino de Igarassu e Júnior Pernambuco. Programa gravado em 01/10/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7fGo8NFRzmDlrT6Ycj23tc> Acesso em: 26/10/2020.

FERRON, Fabio Maleronka. **O Primeiro Fim do MinC**. Dissertação, Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. **Mamulengo: um povo em forma de bonecos**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.